



TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

TEATRO SÃO JOÃO
30 OUT—2 NOV 2025
qui+sáb 19:00 sex 21:00 dom 16:00

Agustinópolis

textos

Agustina Bessa-Luís

cocriação

Teatro O Bando e Associação Setúbal Voz

encenação, dramaturgia **João Brites**

uma iniciativa **Mónica Baldaque**,
Comissão Organizadora
do Centenário de Agustina

assessoria literária e dramática **Maria João Reynaud**, **João Luiz**

composição e direção musical
Jorge Salgueiro

dramaturgia e assistência
de encenação **Miguel Jesus**

cenografia **João Brites**, **Dora Sales**

coreografia e corporalidade
Iolanda Rodrigues

conceção e execução de figurinos
e adereços **Catarina Fernandes**

desenho de luz **João Cachulo**

desenho e operação de som
Miguel Lima

atores **Bibi Gomes**, **Joelle Ghazarian**,
Juliana Boyko, **Juliana Pinho**,
Nicolas Brites, **São Matthias Nunes**

cantores **Constança Melo**,
Diogo Oliveira, **Helena de Castro**,
Mariana Chaves, **Ricardo Moniz**

pianista **Tiago Mileu**

e ainda **Alice Figueiredo**, **Ana Isabel**
Arinto, **Catarina Fernandes**,
Diogo Rocha, **Dora Sales**, **Fabian**
Bravo, **Inês Gregório**, **João Neca**,
Maria Taborda, **Raquel Belchior**,
Rita Brito

Coro Setúbal Voz **Adalberto Petinga**,
Alexandre Duarte, **Alexandre**
Machado, **Ana Arruda**, **Ana Paula**
Rosa, **Anaísa Rato**, **Célia Inês**,
Cláudia Martinheira, **Cristina Leão**,
Dina Alves, **Dinora Ferreira**,
Isabel Duarte, **Gonçalo Santos**,
Jessica Rowley, **João Carvalho**,
João David, **João Rato**, **José Raposo**,
Laura Nelson, **Luís Torres**,
Madalena Roque, **Mário Canteiro**,
Miká Nunes, **Mónica Brito**, **Néu Silva**,
Sérgio Mariotti, **Paula Coelho**,
Pedro Andrade, **Regina Dinis**,
Rosária Rei, **Vicente Mustra**,
Teresa Barreto

criação do módulo cenográfico
Rui Francisco

assistência e execução de figurinos
Inês Reis Correia, **Maria Luís**

assistência de adereços **Maria Dinis**

apoio a figurinos e adereços
Amália Marraffa, **Joana Martins**

operação de luz **Pedro Guimarães**

apoio à montagem de luz
Ana Luísa Novais, **João Chicó**

direção de produção **Miguel Jesus**

produção executiva
Alexandre Machado, **Inês Gregório**,
Paula Coelho, **Raquel Belchior**

direção de montagem **Dora Sales**

montagem **Diogo Rocha**, **Dora Sales**,
Fabian Bravo, **Gonçalo Poeiras**,
Saulo Santos, **Vitor Santos**

comunicação **Maria Taborda**,
Maria Madalena, **Miguel Conceição**

cozinha **Lucia Rus**, **Maria dos Anjos**
Santos, **Patrícia Rus**

fotografia **Maria Madalena**,
Miguel Carranca, **Rita Santana**

registo vídeo **Maria Madalena**,
Miguel Mares

construção serralharia **JSVC Decor**

coprodução **Centro Cultural**
de Belém, **Fórum Municipal Luísa Todi**,
ASMAV - Associação de Socorros
Mútuos Artística Vimaranesse,
Centro Cultural Vila Flor,
Teatro Nacional São João

estreia **17 Out 2025**
Centro Cultural de Belém (Lisboa)

dur. aprox. **1:30**
M/12 anos

Conversa com a **Marta**
1 nov sáb

Vamos personagem! Revela-te!

JOÃO BRITES

Desde o princípio, ultrapassada a inércia do que parecia ser um projeto impossível, fixou-se a imagem de uma grande quantidade de personagens que, num interminável corrúpio, apareciam e desapareciam como se de um formigueiro se tratasse. Será que a descrição destas múltiplas identidades podia contribuir para dar uma maior universalidade ao regionalismo duriense, demasiadas vezes referido a propósito da obra literária de Agustina Bessa-Luís?

Em 2022, num dos primeiros contactos com Mónica Baldaque, coloquei a hipótese de não escolher um romance como ponto de partida, mas optar por fazer este tipo de abordagem transversal à obra da profícua escritora. Ao telefone, ouvi um “pois claro”, como se isso fosse também evidente para quem me incitava a aceitar o desafio.

Em boa hora nos encontrámos. A inesperada sintonia com quem melhor conhece a carismática escritora começa pela narrativa visual, eixo aglutinador de construção do espetáculo, ao estabelecer: a definição de um sítio onde erguer a cidade; a edificação de um zigurate com grande densidade populacional; o conflito de interesses que fomenta a dispersão em bairros periféricos; as quezílias, as revoltas, os combates, as guerras que provocam o cataclismo; e, finalmente, a recuperação de uma sabedoria que, em alto contraste com a motricidade deficiente dos corpos, se consubstancia no coro, que faz referência ao lugar onde terá nascido a democracia.

Ainda que não esteja explícita a ideia de uma regressão das personagens, que as levaria ao aparecimento dos primeiros seres multicelulares há trezentos milhões de anos – particularmente dos escaravelhos que, ao resistirem às maiores catástrofes, tiveram de se multiplicar em centenas de espécies –, existe subliminarmente o hipotético propósito de ser necessário regredir para reconstruir a possibilidade de vivermos em maior harmonia uns com os outros. Imagino que estes seres vivos estejam entre os mais resistentes a uma catástrofe nuclear. Aliás, é a paleta de cores e de brilhos destes coleópteros que serve de inspiração à conceção dos figurinos, habilmente elaborados por Catarina Fernandes.

Oito meses antes das seis semanas de ensaios mais intensivos, propus a atores e cantores que trabalhassem a construção de personagens em torno de três eixos: personagens realistas que, na sua génese, contivessem a reminiscência dos escaravelhos; personagens extravagantes que, internadas num manicómio, acreditavam ser escaravelhos exemplares; e personagens que, evidenciando a representação de escaravelhos, tivessem uma maior capacidade de sentirem e de expressarem verbalmente os seus raciocínios. Estas premissas não visíveis ficaram ancoradas lá longe nos primórdios da criação, mas fazem parte do histórico vivencial dos artistas que sobem ao palco.

Por esta altura, Maria João Reynaud e João Luiz cumprem exemplarmente a proposta de fazerem um inventário das personagens dos livros de Agustina. Compreendo de imediato que a descrição de personagens, que a escritora dispersa ao longo da sua obra, é de tal modo genial que nenhuma outra forma de expressão a poderá igualar. A complexidade das vontades e contravontades, a contraditória atitude de cada personagem, as suas controversas facetas, repentinas, acidentais, nunca perdem a coerência existencial; pelo contrário, humanizam o bicho que nunca deixámos de ser quando recorremos ao instinto de sobrevivência para nos adaptarmos a uma nova situação. Com base nesta recolha textual, Miguel Jesus constrói o intrincado enredo dos diálogos, com o objetivo de criar breves situações plausíveis que permitam a leitura dos espectadores, mais confortáveis com a lógica expressa pelo verbo.

Temos assim uma narrativa visual mais esclarecida, com o pertinente desenho de luz de João Cachulo, que, em interação com uma narrativa verbal, é complementada pela narrativa musical, numa deambulação que parte da eletrónica para se depurar num pianista, que representa a arte como esperança de uma humanidade em decadência, e, finalmente, num canto *a cappella* que remete para a inexorável solidão de cada um perante a própria morte. Está assim esclarecida a triangulação que, recorrentemente, tenho vindo a exercitar na encenação e no trabalho com os atores no seio do nosso Teatro O Bando.

Reencontrar o inestimável compositor Jorge Salgueiro, agora como Diretor Artístico da Associação Setúbal Voz, com o seu numeroso e implicado Coro, e a Companhia de Ópera de Setúbal, vem permitir a desmedida cocriação que,



com o apoio do Centro Cultural de Belém e do Teatro Nacional São João, podemos apresentar. A generosidade intelectual, a implicação física, a entrega e, sobretudo, o talento destes cantores líricos é o que permite a apresentação de *Agustinópolis* ao nível dos conceitos primordiais. Como tenho vindo a dizer, podem existir boas ideias parateatrais, cenários e máquinas de cena emblemáticas, mas sem atores e atrizes não há personagens, e sem personagens não há teatro. Maior privilégio é, acima de tudo, trabalhar com atores-artistas criativos, que colocam o seu imaginário e experiência profissional ao serviço de uma obra que vai descobrindo a sua razão de ser a partir da destreza artística na construção das 96 personagens... tantas quantos os anos de vida de Agustina Bessa-Luís. Tantas quantos os metros quadrados da nuclear área cénica de representação, onde habitam as personagens que a escritora “esperava encontrar a cada porta que se abria, a cada volta de rua”. Como ela, “grito” também “eu com fúria obstinada”: “Vamos personagem! Revela-te, oferece-me a tua mão, diz a tua senha, faz um sinal para que eu te reconheça. Sei que estás aqui, nesta casa. Quem és?”¹.

Palmela, 9 de outubro de 2025.

¹ *Conversações com Dmitri e Outras Fantasias*. Escrito em 1966 e publicado pela primeira vez em 1979, na editora Regra do Jogo.

Amo-te tanto Europa

JORGE SALGUEIRO

O tempo acelera da Cena Um à Cena Seis. O tempo é cada vez mais acelerado. A Cena Um tem 40 bpm, a Cena Dois 60 bpm, a Cena Três 80 bpm, a Cena Quatro 100 bpm, a Cena Cinco 120 bpm e a Cena Seis 140 bpm, e acelera no final. O piano, representando uma espécie de humanidade da Humanidade, vai sendo encoberto por uma eletrónica que representa a desumanização. Recordo *Metrópolis*, de Fritz Lang, ou *A Fábrica dos Sons*, de António Victorino d’Almeida, com Charlot apaixonado pela filha do patrão a humanizar os sons da fábrica de sons inúteis. Na Cena Seis o piano já não toca. As frases musicais tornam-se cada vez mais curtas, as melodias têm cada vez menos notas, melodia de duas notas. Tudo é binário. Caos, derrocada. “Corpos estropiados pelo caos perderam capacidades motoras, mas recuperaram a inteligência emocional e pensam como nunca pensaram.” O piano aparece como um novo início, uma nova esperança de humanidade e de Humanidade. E em cada recomeço surge a poesia, o canto lírico, uma espécie de identidade sublime de uma bela Europa-farol. Outra vez uma Grécia, outra vez um Renascimento de Leonardos, outra vez Cravos em Abril. Amo-te tanto Europa.■

Quem vive? “Viva Agustina!”

MÓNICA BALDAQUE

Um dia. Um dia, estava eu deitada no areal deserto, era esse um momento antigo, ouvia o mar e o vento; entorpeciam-se-me as mãos, humedecia-se-me o cabelo; não havia palavras escritas na linha do horizonte, nem desenhadas na fita negra da areia molhada.

Pensava nas vidas, em como são todas iguais. O que as distingue são as tentações que se encontram nos caminhos que se cruzam. Não é nostalgia, não é poesia. É a voz do tempo que chega com o seu séquito lânguido de sintomas, repetições e profecias.

Agustina regressa.

Relembro-a como figurante, reencarnada em várias personagens que se destacam como um véu, do seu ser inicial e único, e nesse dia, nesse mesmo dia, fecho os olhos e vejo-a passar nas histórias infantis (ditas), da *Cinderela*, da *Branca de Neve*, da *Bela Adormecida*.

Como Cinderela, ela calçou o sapatinho de cristal e dançou na corte, com o seu príncipe. Como Branca de Neve, trincou uma maçã envenenada, mas foi salva por um beijo, outro, que não era o da traição. Como Bela Adormecida, acordou de 100 anos em que se interrogava: “Com que se parece verdadeiramente o mundo? Como vou eu viver nele? Como fazer para ser verdadeiramente eu mesma?”

Não sei se teve respostas, ou soluções; não sei sequer se acordou.

Eu desejei celebrá-la numa história assim, que permanecesse por séculos, como as outras, que fosse contada e recontada com mil interpretações. Porque esse lugar do mito, é onde pousa a sua eternidade.

Passou a data dos 100 anos. Mas o que importam os 100 anos passados? Outros começam.

*

Um dia, numa praia também, o que não deixa de ser simbólico, em conversa com o Nuno Júdice, falei-lhe do meu sonho: o de juntar num grande palco todas as personagens dos romances de Agustina, movimentando-se como num circo; entre piruetas e equilíbrios sobre tranças de seda vermelha; saltos em trapézios suspensos por algas e cabelos de anjo; patinando no casco de um navio que navega ao

contrário; usando roupagens exóticas – “umas vestidas com peles de lobo, outras, com fatos de cerimónia, outras, andrajosas; umas sem cabeça, outras sem alma. Não caminhavam, davam cambalhotas como no circo, espreitavam pelas fechaduras, e tremiam de medo e de frio...”¹ e sempre, sentenças sábias a circular, a circular, em vozes de coros, ou em vozes solitárias e profundas!

De repente, tudo se imobiliza.

Seria a imagem perfeita do mundo de Agustina!

Ele ficou em silêncio uns minutos, e logo me disse: “Fale com O Bando, o João Brites é a única pessoa capaz de agarrar esse sonho.”

Sim, lembrei-me que Agustina já os conhecia...

Numa primeira conversa comigo, na Casa do Gólgota, o João Brites percebeu o desafio que eu lhe propunha, e muito naturalmente foi seduzido pelo ambiente que Agustina lhe inspirou, e não desistiu. No fundo, falavam a mesma linguagem.

Foram dois anos de trabalho, de resistência, de reflexão, de convívio com o mundo revelado e suspeitado de Agustina; com a sua palavra que rola no tempo e pelos tempos.

Uma equipa foi tomando forma, o Miguel Jesus foi concebendo a dramaturgia. E, de acerto em acerto, finalmente, Agustina chega ao palco, gloriosa.

Agustinópolis, o título perfeito, encontrado para definir este fantástico mergulho num mundo encantado.

Cumpre-se o meu primeiro desejo.

Um ramo de rosas brancas para O Bando!

Gólgota, setembro de 2025.■

¹ Mónica Baldaque, *As Casas da Vida de Agustina*. Lisboa: Relógio D'Água, 2025.

96 personagens à procura de uma voz

MARIA JOÃO REYNAUD E JOÃO LUIZ

Vamos personagem. Revela-te,
oferece-me a tua mão, diz a tua senha,
faz um sinal para que eu te reconheça.
Sei que estás aqui, nesta sala, nesta casa.
Quem és? Mas ninguém se denuncia.

AGUSTINA BESSA-LUÍS,
*Conversações com Dmitri
e Outras Fantasias.*

Como escolher, entre todas as personagens ficcionais de Agustina Bessa-Luís, aquelas que poderão perfazer, simbolicamente, o número de anos de uma vida dedicada à escrita, e que a publicação de *A Sibila*, em 1954, veio pela primeira vez destacar?

Foi a este repto, lançado por João Brites, nos finais do ano passado, que procurámos responder. A ideia era elaborar uma comunidade de personagens, vindas de múltiplos romances de Agustina, e cruzar as suas vidas numa existência efémera, fazendo-as aparecer e desaparecer, suspensas no tempo. Servindo-nos da experiência de respigadores, que acumulámos ao longo de muitos anos de trabalho teatral, fomos colando, lado a lado, os pedaços de cada personagem, dispersos pelas inúmeras páginas da autora. Para nosso espanto – e porque não satisfação –, à medida que a comunidade crescia e as personagens se tornavam concretas e viscerais, também a voz de Agustina se clarificava e se tornava audível na escolha dos textos para o palco.

Desprendidas das páginas dos livros a que a sua origem e o seu destino estão ligados, poderiam partir em busca de uma nova vida, entrecruzando as suas histórias fragmentárias num palco onde se fizessem ouvir, tal como a Sibila, Fanny e Ema, personagens que Agustina extraiu de três romances diferentes para as pôr a contracenar no libreto *Três Mulheres com Máscara de Ferro*.

Iniciado o nosso trabalho de recolha, fomos surpreendidos pelo número de afirmações e considerações que a autora vai derramando ao longo das centenas e centenas de páginas da sua prodigiosa prosa, e que logo se nos impuseram. Muitos desses preciosos “aforismos”, que são para Agustina “a última colheita do uso da vida”,¹ foram encaixados numa dezena de temas, com destino a futuras cenas,

e inseridos nas falas das personagens que agora integram a comunidade de *Agustinópolis*.

Ao procurar a palavra “personagem” no *Dicionário Imperfeito* de Agustina Bessa-Luís, não esperávamos encontrar esta observação: “Eu gostaria que as minhas personagens não tivessem nome, que corressem pela minha pena como um delgado fio suspenso do orbe”.² Assim teria de acontecer com as personagens destinadas a esta imprevista comunidade, apostadas em existir de um modo diferente.

Um mês depois do início da recolha, teve lugar a primeira reunião entre os quatro para conversarmos sobre o trabalho em curso. Só nesse momento demos conta da grande sintonia que se tinha gerado entre nós, validando a intuição que presidira quer ao convite do João Brites, quer ao conteúdo das páginas já enviadas, onde se arrumavam, por ordem alfabética, mais de metade do número de personagens previsto. Outras se juntariam a estas, em busca da nova vida que o Miguel Jesus lhes daria num palco onde finalmente se fizessem ouvir.

Eduardo Lourenço, grande intérprete da obra de Agustina Bessa-Luís, considera que *A Sibila* lhe abriu “o lugar que não existia antes dela”, embora alguma crítica tardasse em reconhecê-lo. Nas suas palavras, “[...] essa obra instaurava sem que ainda se soubesse muito bem uma espécie de longo reinado da literatura feminina em Portugal. No caso dela, mais feminina do que feminista – que Agustina não é nem nessa perspetiva uma ideóloga, mas um exemplo”, impondo, desde o primeiro livro, “um mundo da mulher subalternizado com uma evidência que as suas sucessoras receberam já como uma herança natural”.³

Também Nuno Júdice vê Agustina como a aurática representante de uma “via insular” na ficção portuguesa contemporânea, caracterizada pelo “percurso minucioso do universo das personagens e da demorada exploração das zonas íntimas onde se ocultam, sob uma aparência quotidiana de normalidade”.⁴

No fim deste intrincado trabalho, no decurso do qual convivemos com muitas dessas personagens, chegámos à conclusão de que já era tempo de “ouvir de viva-voz” a pluralidade de sentidos, muitas vezes contraditórios, que a imensa obra de Agustina Bessa-Luís oferece. João Brites, o imaginativo criador de linguagens e espaços cénicos, faz reviver em *Agustinópolis* as personagens a que a dramaturgia de Miguel Jesus deu voz, num espetáculo

polifónico que tem a marca indelével do encenador d'O Bando.

Graças ao convite de João Brites,⁵ pudemos associar-nos, em boa hora, a esta excepcional comemoração do Centenário de Agustina Bessa-Luís, bem como à celebração dos cinquenta anos d'O Bando, cuja longa vida saudamos com o entusiasmo e a amizade de sempre.■

Porto, 13 de setembro de 2025.

1 Agustina Bessa-Luís, *Dicionário Imperfeito*. Lisboa: Guimarães Editores, 2008, p. 12.

2 *Idem*, p. 216.

3 Eduardo Lourenço, "A Indomável". In revista *Ler*, janeiro de 2009.

4 Nuno Júdice, *Viagem por um Século de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

5 Este convite do João Brites, no que particularmente me toca, acontece num já longo percurso de cumplicidades, iniciado durante o exílio de ambos em Bruxelas, em 1969, no Grupo de Teatro Prego na Língua. [Nota pessoal de João Luiz.]

Agustinópolis ou O Elogio da Maldade

MIGUEL JESUS

O artista fica ignorante, malicioso, e faz de fel e vinagre os seus contemporâneos; vingam-se deles, quando só lhes deve simpatia e benevolência; arranca-lhes os olhos quando o olham com admiração. Mas ele é livre. A sua liberdade é um caso perdido, é a mais vulgar de todas as liberdades, a menos digna de ser ambicionada. Mas o artista é livre assim mesmo. Destrói e calunia, prega e salta na praça, enforca-se à beira-rio ou acaba os seus dias como usurário. É este o artista, livre, estúpido, vaidoso e um pouco louco.

É pitoresco e amado. E deixa obras belas. É um mistério como as engendrou, é um enigma como pôde ser exacto e como pôde trabalhar tanto.

AGUSTINA BESSA-LUÍS

Andamos nisto há muito tempo, a levantar paredes, a atravessar cidades, a conhecermo-nos uns aos outros, a sentir apelos que não sabemos explicar, a sentir raiva e medo e asco, e amor e dor e compaixão. Vamo-nos cruzando, à procura dos acasos que nos levem num caminho que tantas vezes

desemboca em maledicência, rancor ou agressão. Nesta *Agustinópolis*, uma cidade levanta-se aos poucos, como um território, um país, um modo de vida que todos reconhecemos, este nosso modo de vida que, com todas as suas glórias e todas as suas falhas, corre o risco de ter atingido o seu ponto de implosão. Nesta *Agustinópolis*, só ouvimos fragmentos, resquícios, restos de conversas cada vez mais fugazes, cada vez mais espartilhadas, cada vez mais aceleradas, numa teia de relações familiares, sociais e de vizinhança conflituosa, num corrupção generalizado e quase caótico de quem já não tem tempo para se deter frente aos outros e a si mesmo.

Nesta *Agustinópolis*, traçamos um Elogio da Maldade, tanto dessa maldade que grassa lá longe e é tão grande, a maldade das guerras e das manipulações globais, como da maldade que cresce aqui perto e que é por vezes tão mesquinha e pequenina, uma maldade quotidiana, das discussões de café e das quezílias nas filas do trânsito. Nesta *Agustinópolis*, o ódio cresce, dizendo-nos a cada instante que devemos escolher o lado da batalha, uma batalha constante entre ricos e pobres, entre esquerdistas e direitistas, entre brancos e negros, entre homens e mulheres, entre conservadores e progressistas. O ódio cresce porque os argumentos em debate são sustentados por interesses pouco interessados no entendimento mútuo, e porque de um lado e do outro se alimenta a noção da inevitabilidade dessa mesma separação.

Mergulhar na obra de Agustina é escolher necessariamente pormenores no meio da vastidão imensa, acreditando que em cada grão de poeira que alinhamos, e que assim ganha um novo significado, ainda pulsa o eco de uma estranha montanha incandescente. Talvez, enaltecendo o escárnio e a ironia tão presentes na sua obra, possamos todos olhar-nos no espelho imenso dos seus olhos, sem julgamentos, mas também sem compaixão, obrigando-nos a lembrarmo-nos de nós próprios, e dos nossos gestos, e do quão afastados andam daquilo a que, se os víssemos de fora, chamaríamos correção. Talvez assim, maliciosos, feitos de fel e vinagre, arrancando olhos e ouvidos, de mãos e dentes ficcionalmente ensanguentados, nos possamos lembrar do quanto devemos uns aos outros em simpatia e benevolência. Possa este gesto artístico, excessivo, desbragado, contribuir para reconhecermos as sementes do nosso próprio ódio.■

TEATRO SÃO JOÃO
1 NOV 2025

sáb 17:00

Lançamento de Livro

Atriz e Ator. Artistas

Presença e Mobilidade Impercetível (Vol. III)

de João Brites e Teatro O Bando

edição TNDM II / Bicho-do-Mato

com Gonçalo Amorim, João Brites,
João Luiz, Susana Mateus

APOIO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública

EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

coordenação
Rui Manuel Amaral

fotografia
Rita Santana

design gráfico
João Faria/Drop

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

O TNSJ É MEMBRO



Com o apoio de:



contacto

TEATRO BANDO

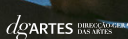
coprodução



uma iniciativa



o Teatro O Bando e a Associação Sexual Teatral são financiados por



o Teatro O Bando é apoiado por



outros apoios

